

“Quebrantados, na ociosidade e na intemperança”: devassidão, bebedeira e indisciplina entre os holandeses durante sua conquista de Salvador (1624-1625)

Gabriel Gurian

Introdução

Gaspar Barléu, notável historiador, cronista e teólogo holandês, contemporâneo da conquista batava das capitânicas setentrionais do Brasil, em certa altura de seu *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, obra publicada em 1647 que privilegiou particularmente os assuntos e eventos concernentes ao período de governo do Conde João Maurício de Nassau (1637-1644), regressa aos primeiros anos de atividade da *West Indische Compagnie* (WIC), a Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, fundada em 1621, e ao insucesso de sua primeira empreitada na América portuguesa, especificamente em Salvador, entre os anos de 1624 e 1625:

A tomada de S. Salvador, metrópole da capitania, que custou pouco trabalho, e bem assim a dos fortes circunjacentes, fadaram a empresa com felizes auspícios, divulgando entre os bárbaros [ibéricos] a fama do povo ultramarino, já tão firme com os primeiros sucessos. [...] [Contudo,] Os vencedores não se defenderam com a mesma coragem com que triunfaram. Efeminando-se e entregando-se à licença, engolfaram-se em insólitos prazeres tanto mais avidamente quanto mais bravamente se haviam portado. [...] Enquanto se cuidava mais das delícias do que da utilidade, quebrantados, na ociosidade e na intemperança, os ânimos dos chefes e dos soldados, o espanhol recuperou a cidade com um rápido cerco, efetuado pelo general D. Fadrique de Toledo. Vencidos os holandeses mais pelos vícios do que pelas armas, voltaram para a sua terra inúteis à Companhia,

vergonhosos para a Pátria, desprezados pelo inimigo, sofrendo, assim, o infamante castigo de seu desleixo e perfídia.¹

Condenando a postura de seus compatriícios, com certo amargor pelo fracasso da empreitada, Barléu sintetiza os desdobramentos desse importante episódio para a Companhia e para as relações entre as Províncias Unidas e a Coroa espanhola,² atribuindo enormemente a derrota sofrida perante os luso-castelhanos aos vícios e à indisciplina dos militares neerlandeses demonstrados durante a breve conquista. Tal perspectiva interessa ao presente texto. Nas páginas seguintes, testemunhos semelhantes, que comentam sobre as atitudes e posturas dos soldados batavos na Baía de Todos os Santos, serão cotejados a fim de delinear as impressões pactuadas como verdade pelos coevos sobre as consequências das ações das forças batavas em sua derrota.

Vale pontuar, de saída, o impacto das forças luso-castelhanas na reconquista de Salvador, para que a ociosidade e a intemperança do exército neerlandês não tomem ares de causalidades únicas ao se tratar de sua derrota. O poderio naval e militar enviado pela Coroa espanhola ao receber notícias da investida batava na Bahia, a “mais poderosa [armada] que até agora passou a linha”³ do Equador, somava mais de 50 navios e cerca de

¹ BARLEUS, Caspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora governador de Wesel, tenente-general da cavalaria das Províncias Unidas sob o príncipe de Orange*. Edições do Senado Federal, vol. 43. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 36.

² As Províncias Unidas haviam se levantado contra a Coroa espanhola no ano de 1568 em nome de sua independência, o que deflagrou a chamada Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648). Nesse período, mais especificamente entre 1580 a 1640, o trono de Portugal foi governado pelos monarcas espanhóis da Casa de Habsburgo. A investida neerlandesa no Brasil, possessão portuguesa então sob controle hispânico, figura neste contexto. Cabe notar, inclusive, as claras intenções dos batavos de levar danos aos cofres e à administração ibérica com a empresa em Salvador. Em 1624, circulava nos Estados Gerais um panfleto intitulado *Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil*, escrito por Jan Andries Moerbeek. Nele, o autor acentua a fraqueza militar nos principais portos do território, nomeadamente em Pernambuco e na Bahia, os supostos prejuízos que a conquista destas localidades provocaria aos espanhóis, e, claro, os benefícios a serem obtidos pela Companhia, especialmente em função do monopólio da produção açucareira – fabrico, transporte e venda. MOERBEECK, Jan Andries. “Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao rei da Espanha a terra do Brasil”. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Documentos Holandeses: os holandeses no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e Alcool, 1942, p. 25-43. Cf. BOXER, Charles R. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola (1602-1686)*. Coleção Brasileira, volume 353. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p. 55.

³ VIEIRA, Pe. Antônio. “Ânua da Província do Brasil (30 de setembro de 1626)”. In: *Cartas*, volume 1. São Paulo: Globo, 2008, p. 59.

12.000 homens, dentre marinheiros e soldados,⁴ ao passo que as forças da WIC na cidade, nos idos de março de 1625, quando a frota ibérica alcançou a cidade, giravam em torno “de dois mil soldados, fora os negros e portugueses, que ficaram entre os nossos, ou se passaram para eles, bem como dezessete navios no porto”.⁵ Cabe notar também que os batavos dispersaram parte de suas tropas e naus que antes haviam integrado a força de invasão, enviando uma parcela de volta às Províncias Unidas com passagem pelo Caribe, e outra à costa da África.⁶ Essa discrepância desempenhou papel fundamental na vitória ibérica e retomada da cidade, tanto pela superioridade numérica e estrutural da armada dos Vassallos⁷ perante as minguadas tropas holandesas, demonstrada pela sua efetividade bélica no conflito, quanto pela intimidação de seu poderio aos olhos dos batavos sitiados e divididos, que viriam, ao fim e ao cabo, a render a praça. Barléu, assim como outros letrados que então redigiram linhas dedicadas ao episódio, não se propõe a diminuir essas proporções no jogo de causalidade da derrota final de seus compatriotas, mas não deixa de comentar sobre o papel que teriam desempenhado os vícios e a ociosidade no fracasso da empreitada em Salvador, demonstrando que a questão não foi alheia aos contemporâneos.

Seguir-se-á este mesmo balanço, dando voz aos testemunhos contidos na série discursiva⁸ aqui elencada, que legaram registros e comentários acerca das demonstrações e da íntima associação entre a intemperança, a devassidão e a indisciplina dos militares holandeses⁹ ao longo de sua permanência na Baía de Todos os Santos, e buscando pontuar

⁴ LAET, Johannes de. “Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia”. In: *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Volume XXX. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912, p. 88. Cf. BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil (1624-1654)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961, p. 34.

⁵ O contingente inicial das forças holandesas girava em torno de 3.300 homens e 26 navios. Cf. LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 38-40, 88.

⁶ BOXER, Charles. op. cit., 1961, p. 35.

⁷ Nome dado em Portugal à armada enviada pela Coroa ibérica com intuito de recuperar Salvador e destacado no texto do padre Bartolomeu Guerreiro, intitulado *Jornada dos Vassallos da Coroa de Portugal*. Cf. GUERREIRO, Bartolomeu. “Jornada dos Vassallos da Coroa de Portugal”. In: GALINDO, Marcos (org.). *Episódios Baianos: documentos para a história do período holandês na Bahia*. Recife: Néctar, 2010, p. 37-225.

⁸ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 7-9.

⁹ A maior parte dos soldados recrutados pela Companhia das Índias Ocidentais era composta por “pobres da sociedade neerlandesa e de um numeroso grupo de estrangeiros”. Dessa maneira, aqueles à serviço da WIC são tratados aqui por “holandeses”, “neerlandeses”, “batavos” e “flamengos” em consonância ao vocabulário coetâneo, que não distinguiu com detalhes a origem dos soldados, agrupando-os em função de sua aliança à Companhia das Províncias Unidas. Cf. MIRANDA, Bruno R. F. *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. 1ª edição. Recife: Editora UFPE, 2014.

as impressões acerca do papel destes hábitos infames na derrota e perda da praça para as forças ibéricas, sem perder de vista o desequilíbrio dos efetivos militares em conflito. É importante ressaltar, também, que a documentação produzida por testemunhas dos eventos não é tida como mais “verdadeira” do que o que foi escrito nos anos seguintes, a exemplo da crônica de Barléu, simplesmente por ser contemporânea aos fatos. A preocupação do presente texto se resume em identificar impressões construídas e partilhadas historicamente como verdades sobre os acontecidos de 1624 e 1625 em Salvador pelos contemporâneos das atividades da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais na América portuguesa. Passemos, então, a elas.

Conquista e estada dos holandeses na Baía de Todos os Santos

Logo nos primeiros momentos do ataque neerlandês em terra firme já se observavam demonstrações de indisciplina e estados de embriaguez entre a soldadesca. Um pregador calvinista da Zelândia chamado Enoch Sterhenius se espantou com o fato de que “uma cidade populosa e medianamente fortificada” como Salvador, “na qual havia-se concentrado um grande número de gente dos lugares vizinhos fosse tão facilmente ocupada com pouca ou nenhuma resistência”, tendo por certo que “se somente duzentos arcabuzeiros tivessem acometido os nossos à noite, poderiam nos meter em fuga e matado até o último homem”. O predicante contava,¹⁰ ainda, que “nossa gente, perdida por não saber o caminho, andava de uma parte a outra e muitos que estiveram com sede se haviam emborrachado, de modo que estavam lançados em terra, vencidos pelo vinho e pelos sonhos” e “outros cobiçosos pelas presas andavam proferindo ideias contrárias às ordens superiores”.¹¹ Segundo um relato cujo autor anônimo assina apenas como I. B., de curiosa publicação em língua inglesa na cidade de Roterdã no ano de 1626 e intitulado *A plaine and true relation of the going forth of a Holland fleete the eleventh of november 1623, to the coast of Brasile*, ao se verem impedidas de investirem contra o portão principal de Salvador, em

¹⁰ As traduções e atualizações da grafia nas citações cuja documentação fonte não se encontra em edições recentes ou em língua portuguesa são nossas.

¹¹ STERHENIUS, Enoch. “Brebe sucinta y berdadera narracion de la jornada al Brasil que algunos mercaderes ordenaron conlicencia y autoridad de los Ilustres señores estados y ordenes de olanda y zelanda en el ano de mil y seiscientos y veinte y tres”. In: VALENCIA Y GUZMAN, Juan de. *Compendio Historial de la jornada del Brasil, 1625*. Recife: Pool Editorial, 1984, p. 361.

momento semelhante ao narrado por Sterhenius, as tropas holandesas saíram a “pilhar as casas circunvizinhas e conventos, e, encontrando muito vinho, metade dos soldados encontrou-se bêbada, e até mesmo alguns dos comandantes jaziam esparramados pelo chão”.¹² Ainda que uma parcela considerável dos soldados se encontrasse embriagada, a ameaça apresentada pelo exército holandês levou a cidade a ser abandonada por seus ocupantes durante a madrugada que seguiu o ataque. No dia seguinte, as forças invasoras tomaram a praça.

Testemunhas luso-brasileiras também relataram postura semelhante dos soldados batavos, ao tratarem da pilhagem que conduziram no interior da urbe. O ainda jovem padre Antônio Vieira conta aos seus superiores em Portugal, numa carta ânua de 1626 que, ao adentrarem os muros da cidade e prenderem o governador-geral Diogo de Mendonça Furtado, os neerlandeses correram “todos aos despojos, que tanto a mãos lavadas lhe ofereciam liberalmente as casas com as portas abertas. Tudo rouba[ra]m e, a nada perdoando, emprega[ra]m-se no ouro, prata e coisas de mais preço, e, despedaçando o mais, o deita[va]m pelas ruas, como a quem custaram tão pouco”. Entretanto, pior aos olhos do clérigo foi o que fizeram às igrejas. Assim narra o inaciano, em tom reprobatório: “Saqueadas já e destruídas as casas, vão-se aos templos os sacrílegos, e aqui fazem o principal estrago. Arremetem com furor diabólico às sagradas imagens dos santos e do mesmo Deus [...]. A esta tiram a cabeça, àquela cortam os pés e mãos, umas enchem de cutiladas, a outras lançam no fogo”. Quanto aos objetos sagrados, “desarvoram e quebram as cruces, profanam altares, vestiduras e vasos sagrados; usando dos cálices, onde ontem se consagrou o sangue de Cristo, para em suas desconcertadas mesas servirem a Baco, e dos templos e mosteiros dedicados ao serviço e culto divino, para suas abominações e heresias”.¹³

As narrativas batavas também discorrem acerca das demonstrações de indisciplina militar durante os primeiros momentos em que adentraram os muros de Salvador – ainda que não no mesmo tom relatado por Vieira, que denunciava seus hereges inimigos. Johannes de Laet, geógrafo e um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, em seu *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do ano de 1636*, publicado em 1644, descreve a entrada relativamente disciplinada

¹² A PLAINÉ and true relation of the going forth of a Holland fleete the eleventh of november 1623, to the coast of Brasile. Rotterdam: J. B., 1626, p. 8.

¹³ VIEIRA, Pe. Antônio. op. cit., 2008, p. 44.

da soldadesca na cidade num primeiro momento, que, contudo, daria lugar a uma posterior desordem e pilhagem. “Não o puderam os nossos crer” que a cidade havia sido abandonada pelos habitantes, escreve Laet, “e por temerem que se lhes ordenava com isto alguma cilada, aberta a porta, foram entrando [...] em ordem de batalha, e assim foram ter à praça do mercado”; contudo, já que “não encontraram resistência em parte alguma, nem deram fé de gente inimiga, [...] meteram a cidade a saco, e com infração da disciplina militar arrombaram todas as casas, escritórios e armazéns, e tirado o que lhes convinha, tudo o mais estragaram e destruíram miseravelmente”.¹⁴ Pouco depois, “informado o almirante [Jacob Willekens] da conquista da praça e desregrado saco, a que se deram soldados e marinheiros, logo ordenou aos comissários e seus ajudantes que se passassem à cidade sem detença, arrecadassem e registrassem os bens, que nela andavam malbaratados”. Ao adentrarem a urbe, os mencionados comissários e oficiais “contemplaram [...] um enormíssimo estrago, causado de pura malícia da soldadesca, pois estavam as fazendas espalhadas por toda a parte, calcadas aos pés, como se foram lixo [...]”.¹⁵

Consenso foi que “a cidade (ou para melhor dizer deserto) lhes deu entrada franca e segura”,¹⁶ permitindo aos holandeses “entra-la sem queimar cartucho”,¹⁷ e, assim, foi conquistada em maio de 1624, a custo de pouco trabalho, como afirmou Gaspar Barléu. Ainda que os principais nomes no comando do ataque tenham sido o almirante Willekens e seu vice-almirante, Pieter Heyn, as tropas que zarparam rumo a Salvador eram comandadas pelo coronel Johan van Dorth, cuja nau se perdeu da esquadra na travessia do Atlântico desde o arquipélago de Cabo Verde, e chegou à Baía de Todos os Santos alguns dias depois da tomada da praça. Em contraste com o cenário de desordem instaurado pela soldadesca durante o saque da cidade e seus arredores, a figura do coronel, “com sua autoridade e prudência, fazia cumprir-se a obediência entre os demais, sendo agradável aos bons, a quem favorecia maravilhosamente, e terror aos maus, a quem desejava mal de coração. Era um exemplo de singular piedade, inimigo de toda intemperança, e os soldados o amavam como um pai”.¹⁸ Johannes de Laet ainda acrescentaria que o coronel era um

¹⁴ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 49.

¹⁵ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 49.

¹⁶ VIEIRA, Pe. Antônio. op. cit., 2008, p. 44.

¹⁷ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 49.

¹⁸ STERHENIUS, Enoch. op. cit., 1984, p. 367.

“valoroso e experimentado chefe, particularmente pelo grande respeito e autoridade de sua pessoa, e isto em uma conjuntura em que mui necessário eram o seu bom juízo e predomínio”.¹⁹ Ao chegar à Baía de Todos os Santos, foi recebido com a devida distinção de seu posto, e passou a exercer o mais alto comando da recente conquista neerlandesa, tendo como “seu primeiro cuidado chamar os soldados à ordem, sujeitando-os à disciplina militar”.²⁰ Há de se considerar, entretanto, que os esforços de Van Dorth nesse sentido não foram tão bem sucedidos como registram os batavos. Nas palavras de Frei Vicente do Salvador, célebre religioso nascido no Brasil que testemunhou os acontecimentos na Bahia, “o coronel era homem pacífico, e se mostrava pesaroso do dano feito aos portugueses e desejoso da sua paz e amizade”, mas alguns de seus subordinados seguiam fazendo guerra, “tomando quanto podiam pelas roças circunvizinhas da cidade, e isto com tanto atrevimento como se foram senhores de tudo”.²¹ De qualquer modo, os esforços e a figura do coronel foram louvados pelas autoridades da Companhia, como ilustram os comentários de Laet, e por figuras religiosas como Sterhenius e o próprio Vicente do Salvador, certamente à luz do que se desdobrou depois, e que poderá ser melhor percebido a seguir.

A liderança das tropas e governo da conquista exercidos por Van Dorth foram breves, pois o coronel acabou morto numa emboscada nos arredores de Salvador, algumas semanas depois de chegar ao Brasil, em meados de junho. Com sua morte, deu-se início ao que alguns coetâneos identificaram como decadência moral e disciplinar das forças da Companhia das Índias Ocidentais na Bahia, com a substituição do falecido pelo então capitão-mor Allert Schouten. Para Laet, “depois da morte do governador, o Sr. Van Dorth, os negócios correram ali mui descuidada e irreligiosamente”.²² Nas palavras do pregador Sterhenius, em consonância à impressão de Laet, após a morte de Van Dorth, “todas as coisas começaram a ir de mal a pior, porque os capitães que o sucederam [...] foram homens preguiçosos, dados mais ao gosto das borracheiras, mulheres [...] e a todo gênero de vícios [...]”, e o Conselho Secreto, congregação encarregada da gestão da conquista na Bahia, “foi

¹⁹ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 52, 53.

²⁰ Ibid., p. 51.

²¹ SALVADOR, Frei Vicente. op. cit., 1965, p. 513.

²² LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 53.

soberbo, louco e composto por tal escória de homens, que em nossa terra e pátria, no fim, não lhes foi dada nem a mínima honra”.²³

Tal perspectiva acerca do início do governo dos Schouten – primeiro Allert que, na ocasião de sua morte, foi substituído pelo irmão Willem –, caracterizado como um ponto de inflexão negativo no curso dos acontecimentos em Salvador, encontrou ecos no relato do cronista real espanhol Tomás Tamayo de Vargas, intitulado *Restauración de la ciudad del Salvador, y Baía de Todos-Sanctos* e publicado em 1628. O castelhano afirma que o governo nas mãos de Allert Schouten, e posteriormente de seu irmão, foi “a ruína de todos” os batavos, pois, com a alteração de liderança, “desdobraram-se mudanças na ordem da disciplina militar, e foram prosseguindo, com a mais conhecida felicidade, os sucessos dos nossos [...]”.²⁴ Sem a figura do finado coronel Van Dorth, homem respeitável, exemplar e de efetiva autoridade sobre seus subordinados, a soldadesca que já se mostrara inclinada ao desleixo e aos vícios passou a ser liderada por homens igualmente devassos.

Allert também teve um governo breve, falecendo alguns meses depois de Van Dorth – contudo, a data de sua morte diverge entre os relatos.²⁵ Mesmo curto, o período assistiu a muitas práticas do novo coronel descritas como corruptas, que teriam continuidade com seu irmão e, por fim, causariam impactante ruptura nas forças holandesas confinadas dentro dos muros de Salvador e sitiadas pela poderosa frota luso-espanhola. Allert frequentemente andava “em festas e banquetes, assim na terra como nas naus”,²⁶ além de ser um assíduo frequentador de lupanares e tabernas, “pois ele não se inibia ao ir no meio do dia a uma casa de prostituição aberta [...]”, exercendo as vezes de alcoviteiro, e “também era um grande beberrão”.²⁷ Além de devasso, também parece ter sido deveras desleixado no que tangia às suas obrigações de comandante, pois “não teve muito em respeito ao prover a cidade das

²³ STERHENIUS, Enoch. op. cit., 1984, p. 367-369.

²⁴ TAMAYO DE VARGAS, Tomás. *Restauracion de la ciudad del Salvador, y Baía de Todos-Sanctos, en la Provincia del Brasil, Por las Armas de Don Philippe IV, El Grande Rei Catholico de las Españas y Indias*. Madrid: Alonso Martin, 1628, p. 45.

²⁵ Frei Vicente do Salvador marca a data da morte em 24 de janeiro de 1625, ao passo que o autor I. B. a situa por volta do fim de setembro do ano anterior. Apesar das divergências, contudo, há consenso de que o comando de Allert tenha sido breve. Cf. SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. 5ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 465; *A PLAINÉ and true relation [...]*. op. cit., 1626, p. 11.

²⁶ SALVADOR, Frei Vicente. op. cit., 1965, p. 465.

²⁷ *A PLAINÉ and true relation [...]*. op. cit., 1626, p. 11.

fortificações que requeria”,²⁸ sendo uma figura dotada de “incapacidade para o governo”,²⁹ nas palavras de Tamayo de Vargas. Durante o comando de Allert, a soldadesca resumiu sua postura indisciplinada, como fora observado durante os primeiros saques de Salvador e de seus arredores. Continuaram a pilhar as casas circunvizinhas, “queimando as que havia pelo caminho e roubando quanto achavam, porque os moradores se saíam fugindo para os matos”.³⁰

Assim como a data, as condições da morte de Allert não são consensuais. Johann Gregor Aldenburgk, soldado alemão a serviço da Companhia, registra que “o nosso coronel Allert Schouten foi acometido duma moléstia, de que faleceu dentro de vinte e quatro horas, sendo [...] devorado ainda em vida pelos vermes”.³¹ Já Vicente do Salvador também afirma que o primeiro irmão Schouten encontrou a morte em função de uma doença. Contudo, a enfermidade o mataria “em poucos dias”, ao contrário das vinte e quatro horas mencionadas por Aldenburgk, e a origem da moléstia é atribuída pelo franciscano à vida de festas e banquetes que levava o governador. Na mesma direção e de forma mais objetiva, voltado à impressão de que o falecimento teria sido provocado pelas frequentes bebedeiras, o autor anônimo I. B. declara em poucas palavras: “por volta do fim de setembro de 1624, o coronel Allert Schouten morreu de repente, estando inchado de bebida”.³² Ainda que haja dissonância entre os relatos, não é irrazoável supor que a vida de imoderação tenha desempenhado algum papel em seu falecimento.

Entretanto, o grande personagem da ruína interna das forças holandesas foi o irmão de Allert, Willem Schouten. Se o primeiro não dedicava a devida atenção às defesas da cidade, “ainda menos olhou por elas seu irmão [...], que se entregou a todos os desregramentos, e não só não promovia as obras necessárias, como até recusava aos

²⁸ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 53.

²⁹ TAMAYO DE VARGAS, Tomás. op. cit., 1628, p. 45.

³⁰ SALVADOR, Frei Vicente do. op. cit., 1965, p. 448.

³¹ ALDENBURGK, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Coleção Brasiliensia Documenta, volume primeiro. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961, p. 200, 201.

³² *A PLAINE and true relation [...]*. op. cit., 1626, p. 11.

soldados, que queriam trabalhar, as remunerações, que lhes eram devidas”.³³ Para o autor anônimo, Allert fora

mais cuidadoso ao fortificar a cidade do que seu irmão [...]; pois o primeiro cederia ao conselho daqueles com maior entendimento da questão do que ele, mas este homem [Willem] faria suas próprias vontades sem qualquer aconselhamento [...], ainda que confrontassem qualquer tipo de razão; este homem reprovou seu irmão quando vivia, por seu envolvimento com prostitutas e constantes bebedeiras, e ele mesmo, quando feito coronel, portou-se de maneira muito pior nestes âmbitos.³⁴

Pouco tempo depois de assumir o posto que fora do irmão, Willem e as forças da Companhia testemunharam a chegada da Armada dos Vassallos no fim de março de 1625, e o início do definitivo fracasso da primeira empreitada da WIC no Brasil.

Parte da frota holandesa responsável pela tomada de Salvador havia sido enviada às Províncias Unidas em fins de julho do ano anterior, sob o comando do almirante Jacob Willekens, onde noticiou os sucessos da empresa aos superiores da Companhia das Índias Ocidentais. Contudo, pouco tempo depois, soube-se dos apressados e expressivos preparativos dos ibéricos com o intuito de retomar a cidade. Em resposta, o Conselho dos XIX, que congregava as autoridades máximas da WIC, providenciou uma “armada de dezoito navios e sete iates, contendo mil seiscentos e noventa marinheiros e mil trezentos e cinquenta soldados”,³⁵ além de continuarem a buscar por mais apoio material e humano de outros particulares dos Estados Gerais para reforçar a frota de socorro. Entretanto, estas forças, “aparelhadas com tal presteza que antes do fim deste ano [de 1624] estavam de verga d’alto [...], foram por muito tempo retidas nos portos por lhes não servirem os ventos [...]”,³⁶

³³ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 53.

³⁴ *A PLAINE and true relation [...]*. op. cit., 1626, p. 11, 12.

³⁵ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 55.

³⁶ *Ibid.*, p. 56, 57.

e, assim, a armada luso-espanhola pode alcançar a costa brasileira antes dos reforços neerlandeses, no dia 29 de março do ano seguinte, e avançar sobre a cidade que intentavam recuperar.

Adentrando a baía, as expressivas forças ibéricas logo “começaram [...] a bater a cidade” com sua artilharia, “abrindo-lhe grandes buracos no muro, que os holandeses tornavam a tapar de noite com sacos de terra que pera isto fizeram, mas não tanto a seu salvo que cada noite lhes não matassem e ferissem alguns, com o que eles não desmaiavam, tendo esperança que viria cedo a sua armada [...]”. Neste primeiro momento, ainda estavam tão esperançosos que, “por esta causa puseram uma grande bandeira com as suas armas no pináculo da torre da sé, que está no mais alto lugar da cidade, pera que vindo os seus a vissem e pudessem entrar confiadamente, conhecendo que estava a terra por sua”.³⁷ Todavia, liderados pela devassa e incompetente figura de Willem Schouten, enquanto

o inimigo de fora ia pondo toda a diligencia em forçar os sitiados a se renderem, no interior da praça eram os chefes não somente tardos e descuidados no prover das fortificações necessárias à sua defesa, como também continuavam a levar vida solta e desregrada, e assim provocavam os soldados a censurá-los asperamente e menosprezar as suas ordens, fermento que depois os levou a romperem em um funesto motim.³⁸

Tantos eram os descuidos nas defesas da cidade, haja visto que “o Coronel Willem não cuidou devidamente de [a] fortificar”, que logo foram detectados e explorados pelas forças ibéricas. Schouten somente tivera o “[...] cuidado para defender-se dos portugueses que estavam na terra antes do socorro [da Armada dos Vassallos], porque pensava ser impossível que os socorros da Holanda não se adiantassem aos da Espanha”. O coronel estava “tão obstinadamente persuadido que, ao ter à vista a Armada [espanhola], insistia que eram os seus; e não é surpresa, porque era um homem que não conhecia a natureza e nem possuía experiência de soldado”.³⁹ Com o avançar do conflito e da ofensiva das forças ibéricas, entre

³⁷ SALVADOR, Frei Vicente. op. cit., 1965, p. 480, 481.

³⁸ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 89.

³⁹ TAMAYO DE VARGAS, Tomás. op. cit., 1628, p. 106.

os holandeses “[...] só os mortos faltavam na peleja, mas, sendo [muitos] lesos e feridos, faltavam também os cirurgiões e enfermeiros, que com sua cura se ocupavam”.⁴⁰ Logo, as condições de escaramuça constante enfrentada pela soldadesca batava, somadas ao descaso e desregramento dos oficiais e de seu coronel, eclodiram no motim ao qual se refere Laet, para usurpar Willem Schouten de seu posto.

Como escreve o próprio diretor da WIC, num momento em que os inimigos ibéricos tinham “todos os seus canhões [voltados] contra a cidade” e a posse de vários pontos estratégicos ao redor das muralhas de Salvador, “os oficiais [neerlandeses] e particularmente o cabeça deles se houveram de modo tal, que primeiro se fizeram desprezíveis, e depois suscitaram o pensamento aos soldados de mudarem de coronel, e elegerem outro, com o que os bons ficaram abatidos, e os mais ousados a se envolverem no que não era de sua competência”, elegendo Hans Ernest Kief, que antes havia sido promovido a capitão-mor por Allert, para substituir Willem. Laet, então, prossegue, explicando as razões que moveram os amotinados:

A adversão dos soldados contra o coronel Willem Schouten provinha principalmente de que ele raras vezes montava a cavalo para andar visitando as obras, e não acudia com as necessárias medidas a outras cousas, que muito importavam; e quando acertava de o fazer, não animava os soldados, antes os ofendia com juras e doestos, conquanto eles andassem sobrecarregados de um continuo trabalho. O coronel preferia frequentar os lupanares, ou deixar-se ficar em seu palácio a alambazar-se e emborrachar-se, até que enfim aconteceu ser deposto pelos soldados, preso em sua casa, e levantado por coronel o dito Kief.⁴¹

Sobre o mesmo motim, o soldado Aldenburgk escreve que, com a aproximação das “linhas de assédio” do exército espanhol e a irrazoável proibição, “sob pena corporal, que os nossos continuassem a escaramuçar, e que os condestáveis de nenhum modo disparassem suas peças contra os espanhóis” emitida por Schouten, “surgiram no mercado velho, vários

⁴⁰ SALVADOR, Frei Vicente. op. cit., 1965, p. 487.

⁴¹ LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 89, 90.

soldados à procura do coronel, para o castigar”, no intuito de “evitar tamanha desgraça, e prevenir o indizível perigo de corpo e de vida resultante de tal interdição”. Logo “o derrubaram a coice de mosquetes”, e também “procuraram [...] os cúmplices do coronel no Conselho Secreto, prenderam-nos, saquearam em seguida suas mancebas, em casa das quais o coronel fizera postar uma sentinela, e expurgaram aquela habitação sodomítica até com a retirada dos móveis”.⁴² Para citar uma perspectiva luso-brasileira, a impressão de Vicente do Salvador sobre o motim se resume ao seguinte: “Tão desejosos andavam da vitória que [os soldados holandeses] a antepunham às suas próprias vidas e, porque o seu coronel acudiu tarde a este rebate, e já em outras ocasiões o haviam notado de descuidado, [...] se conjuraram trinta [...] e foram pera o matar dentro em sua casa [...] e feriram o coronel com uma alabarda na cabeça e nas mãos”, logo deliberando “os do conselho privarem o ferido do cargo e elegerem por coronel o capitão-mor chamado Kief”.⁴³ É notável nas narrativas a incidência da incapacidade de Willem Schouten como comandante, sendo negligente em relação às defesas da praça, vivendo de maneira mais devassa que seu irmão e desrespeitando seus subordinados.

Sob o comando de Hans Kief, negociou-se a rendição da cidade, concretizada com a saída dos holandeses em 1 de maio de 1625. Em cerca de um mês, o controle da Coroa espanhola sobre a capital da América portuguesa foi restaurado e aqueles que a haviam tomado um ano antes foram alocados em embarcações para serem enviados de volta às Províncias Unidas, sob condições piedosas⁴⁴ decretadas pelo general da Armada, Dom Fadrique de Toledo. Ainda que o cenário se houvesse desfeito, fez-se oportunidade para mais uma encenação de descaso e devassidão por parte dos oficiais batavos. Ao embarcarem os soldados holandeses nos navios fora da baía, que aguardavam em distância segura para as forças ibéricas o momento de zarpar e cruzar o Atlântico, foi ordenado que todos os homens de guerra e tripulantes fossem alimentados diariamente com carne, vinho e pão,

⁴² ALDENBURGK, Johan Gregor. op. cit., 1961, p. 208.

⁴³ SALVADOR, Frei Vicente. op. cit., 1965, p. 487, 488.

⁴⁴ Como elenca Laet, dentre as condições acordadas entre o general espanhol e os sitiados holandeses, garantiu-se “salvo-conduto para [...] não sofrerem moléstia alguma dos navios espanhóis” ao retornarem às Províncias Unidas, provisão de “víveres para quatro meses e meio” e permitiu-se que todos saíssem da cidade “com sua roupa de vestir e dormir”, podendo “o coronel, capitães e oficiais [...] levar suas bagagens em bolsas ou pequenas malas, de outro modo não, e os soldados às costas em mochilas”. Ainda forneceram aos batavos armamentos para defesa na travessia no momento em que os sitiados embarcassem nos navios destinados aos Países Baixos. LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 91.

“mas a negligência da maior parte dos [...] oficiais era tamanha, que por vezes não se repassavam as rações [...] por 3, 5 ou mesmo 8 dias seguidos, enquanto ficavam bebendo em terra, e os pobres [...] esfomeados a bordo”, sendo esta “a principal causa pela qual [...] soldados regressaram desnudos à pátria, pois foram forçados a vender suas vestimentas para obter alguma provisão diária”.⁴⁵ Enquanto enfrentavam esta penúria, os oficiais tinham condições mais confortáveis, e não fizeram cessar a bebedeira, a concupiscência, e o descaso com as tropas nem nos momentos finais de sua estada no Brasil.⁴⁶ Outras evidências das condições de devassidão continuaram a aparecer em terra, quando as forças luso-espanholas inventariaram os bens deixados pelos holandeses em Salvador, que abrangiam muitas possessões roubadas, e constataram que “a igreja lhes servia de adega e, depois que os vinhos se acabaram, de enfermaria”, e “da mesma maneira estavam profanadas todas as outras igrejas da cidade”,⁴⁷ o que provavelmente chocaria o jovem Antônio Vieira.

Perspectivas ulteriores

Percorridos os meses desde a invasão até a rendição dos holandeses em Salvador, assim como os testemunhos que deram notícias de suas posturas imorais e indisciplinadas, intimamente relacionadas aos dissabores que enfrentaram no Brasil, cabe observar as impressões subsequentes e, principalmente, o peso conferido à postura final de rendição da cidade, então muito valiosa para os auspiciosos planos da Companhia das Índias Ocidentais. Como o tom das palavras de Barléu que abrem este texto sugere, as autoridades da WIC condenaram aberta e veementemente a atitude de seus militares na América portuguesa. Além da desagregação interna das forças⁴⁸ em função das condutas dos comandantes e das animosidades entre superiores e soldados, um enorme agravante para a ira e condenação deferida pelo alto escalão da WIC sobre a entrega da urbe foi o fato de

⁴⁵ *A PLAINE and true relation [...]*. op. cit., 1626, p. 19.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ SALVADOR, Frei Vicente. op. cit., 1965, p. 492.

⁴⁸ Somando-se à cisão entre oficiais e soldados, e o conseqüente motim contra Willem Schouten, os militares tinham consciência sobre “qual seria a festa quando os nossos [portugueses] entrassem a cidade, e com este receio se começaram já os franceses a dividir dos holandeses, determinando fugir pera os nossos”, como relata Vicente do Salvador. *Ibid.*, p. 485, 486.

acreditar-se que Salvador era uma cidade com consideráveis capacidades de defesa e resistência a assédios externos, além de estar dotada de razoáveis provisões e suprimentos, suficientes para ali persistirem ao sítio dos ibéricos por mais tempo, principalmente tendo conhecimento de que uma frota de socorro estava a caminho. O amparo de vantajosa estrutura de defesa e as condições supostamente favoráveis de víveres e equipamentos das forças batavas fizeram a rendição da praça parecer totalmente injustificável aos superiores da Companhia.

Considerava-se urbe dotada de certa impenetrabilidade ao ponto de supor-se que, como relatam os neerlandeses e reafirmam os luso-brasileiros em lamento,⁴⁹ se não fosse a covardia e abandono dos postos de defesa e da própria cidade por parte de seus ocupantes⁵⁰ em face do ataque dos invasores, estes não teriam conseguido conquistá-la.⁵¹ Argumentou-se que, no contexto de sua rendição, as tropas batavas, ainda que em enorme desvantagem numérica, poderiam ter resistido ao cerco da armada comandada por Dom Fadrique de Toledo por um tempo consideravelmente maior, e certamente até a chegada da frota de reforço enviada das Províncias Unidas, que alcançou Salvador 25 dias depois da entrega da praça, se não tivessem negligenciado o propósito da empreitada, jogando-se em vícios e desleixo – como fizeram por praticamente todo o tempo em que estiveram de posse da cidade –, tendo pouco cuidado com provisões, estruturas e instrumentos de defesa, e despreocupados com a manutenção dos bons ânimos entre a soldadesca. Nas palavras de Johannes de Laet,

⁴⁹ Antônio Vieira afirma que, “[...] para que se entenda e veja bem que o tomarem uma vez a cidade foi mais fraqueza nossa, causada de pecados, que esforço seu, pois os que então uma vez, sem pelejar, lhes fugiram, agora, tantas vezes os faziam fugir pelejando”. Já o padre Bartolomeu Guerreiro escreve que “foi a cidade entrada, sem resistência, pela parte de Santo Antônio, onde só se acharam alguns negros e dois homens velhos; fugida a mais da gente, ainda que fosse de guerra. De sorte que não houve da parte dos combatentes, nem dos defensores, proezas que relatar neste papel, mais que a felicidade de uns e mofina de outros; entrarem uns sem resistência, outros fugirem sem honra”. Cf. VIEIRA, Pe. Antônio. “Ânua da Província do Brasil (30 de setembro de 1626)”. op. cit., 2008, p. 55; GUERREIRO, Bartolomeu. “Jornada dos Vassalos da Coroa de Portugal”. In: GALINDO, Marcos (org.). op. cit., 2010, p. 47.

⁵⁰ CAMENIETZKI, Carlos Ziller; PASTORE, Gianriccardo Grassia. “1625, o Fogo e a Tinta: a batalha de Salvador nos relatos de guerra”. *Topoi*. Rio de Janeiro: online, 2005, vol. 6, n. 11, p. 270, 271.

⁵¹ As alegações luso-espanholas de que o triunfo holandês se deu em grande parte à traição dos judeus e cristãos-novos que residiam em Salvador, ainda que tenham ecoado por alguns relatos subsequentes a 1625 circulados na Península Ibérica, não é respaldada por relatos de “testemunhas oculares fidedignas”, ibéricos ou holandeses, segundo Charles R. Boxer e Stuart B. Schwartz. Cf. BOXER, Charles R. op. cit., 1961, p. 31; SCHWARTZ, Stuart B. “The Voyage of the Vassals: royal power, noble obligations, and merchant capital before the portuguese Restoration of Independence”. *The American Historical Review*. Vol. 96, n. 03, jun. 1991, p. 750-753.

o que se pode dizer mais seguro é que quase todos se esqueceram dos seus rigorosos deveres, e sem necessidade e mui vergonhosamente fizeram entrega da praça. Bem sabiam que socorros deviam esperar da República, pois lá chegara seguramente dezesseis dias antes do sítio o iate *Haese*, cujo capitão fora portador de cartas, e de viva voz lhes dissera quais os aprestos que aqui [nas Províncias Unidas] se haviam feito, e que as armadas não tardariam a partir. Havia na cidade víveres bastantes para três ou quatro meses, e ainda para mais tempo, se os poupassem, como cumpria, e bem assim pólvora e mechas, além de outras munições de guerra.⁵²

As vantagens militares da cidade de Salvador, que, aos olhos dos coetâneos, teriam possibilitado maior resistência na manutenção daquela conquista por parte dos holandeses, somada às condenáveis posturas de soldados e oficiais, provocaram a ira do Conselho dos XIX. A impressão negativa expressa por Laet se desdobra em mais algumas linhas, onde lê-se: “O desleixo foi tamanho e tão escandaloso, que ainda depois da conquista da praça deixaram ficar em alguns navios certas provisões, de que aliás sentiram falta” em sua travessia em regresso à pátria. “Em suma, foi um castigo da Providência sobre aquela turbamulta de ímpios, que não se preocupavam com a Divindade, nem com seus preceitos, e para os Diretores da Companhia uma eficaz lição, afim de se precatarem melhor para o futuro”.⁵³ O autor anônimo, ao concluir seu relato elencando as razões que o moveram a escrevê-lo – dentre elas informar àquele a quem o texto é dedicado, Robert Johnson Alderman, governador das colônias da Virgínia e das Bermudas no Atlântico norte, a importância de observar atentamente as capacidades e a fé dos homens que são promovidos a altos cargos e delegados a empreitadas importantes –, afirma que nem a culpa do fracasso, muito menos as máculas dos pecados dos oficiais deveriam recair sobre a Holanda, pátria dos devassos. “Que a culpa recaia onde deve recair, e assim bêbados, alcoviteiros e incompetentes serão justamente condenados, não a nação sem responsabilidade alguma”.⁵⁴

⁵² LAET, Johannes de. op. cit., 1912, p. 92.

⁵³ Idem.

⁵⁴ *A PLAINE and true relation [...]*. op. cit., 1626, p. 26.

Considerações finais

A impressão legada sobre o episódio na Baía de Todos os Santos – um empreendimento desastroso para os holandeses em função do deboche e da indisciplina dos militares – reverberou nos anos que o seguiram, como se vê nas crônicas de Tomás Tamayo de Vargas e de Gaspar Barléu, além de outros textos posteriores como o diário de viagem de Caspar Schmalkalden, soldado e aventureiro alemão que esteve no Brasil entre 1642 e 1645. Em suas palavras, muito similares às de Barléu, “[...] aquilo que os holandeses por lá [na Bahia] tinham conquistado com honra, brevemente o perderiam de novo de forma vergonhosa. Ninguém cumpria sua função, nem oficiais nem soldados, cada um entregava-se ao ócio, à luxúria, aos passatempos, à comilança e à beberagem”. Os holandeses, “que mais pelos seus próprios vícios que pelas armas inimigas foram vencidos, retornaram à pátria bem empobrecidos” após a derrota e, assim, “foram desprezados por amigos e inimigos, a Companhia das Índias Ocidentais não quis mais fazer uso de seus serviços, eram considerados manchas da pátria, foram declarados desleais e deste modo receberam o salário que mereceram pela sua deslealdade e desleixo”.⁵⁵ Cerca de vinte anos depois, as impressões sobre o fracasso na Bahia ainda permaneciam.

A intemperança e o desleixo tiveram espaço nos escritos das autoridades da Companhia, de religiosos, tanto católicos quanto protestantes, e mesmo de aventureiros e soldados. Ainda que o ímpeto condenatório das narrativas possa divergir – sejam motivadas pelo zelo com o empreendimento da WIC, seja por fatores morais e religiosos ou mesmo por questões de registro pessoal – a perspectiva de que a bebedeira, a concupiscência, a indisciplina e o desleixo dos militares holandeses neste episódio tiveram íntima relação entre si e papéis notáveis em sua perda da Baía de Todos os Santos parece ter sido difundida e pactuada pelos dois lados do conflito, e gozado de notável permanência nas memórias neerlandesas sobre o episódio. Ao fim e ao cabo, ainda que a derrota em Salvador não derivasse primariamente da ociosidade e da intemperança das tropas batavas, a “turbamulta de ímpios” preocupou autoridades, despertou críticas – tanto de cunho moral

⁵⁵ SCHMALKALDEN, Caspar. *Brasil holandês: A viagem de Caspar Schmalkalden de Amsterdã para Pernambuco no Brasil*. Volume II. Organização de Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares. Rio de Janeiro: Index, 1998, p. 170.

quanto pragmático – por parte de variados letrados em ambos os lados, e demonstrou um caminho a não ser seguido pela Companhia das Índias Ocidentais em futuras empreitadas.

Bibliografia

Documentos

A PLAINE and true relation of the going forth of a Holland fleete the eleventh of november 1623, to the coast of Brasile. Rotterdam: J. B., 1626.

ALDENBURGK, Johann Gregor. *Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Coleção *Brasiliensia Documenta*, volume primeiro. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961.

BARLEUS, Caspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora governador de Wesel, tenente-general da cavalaria das Províncias Unidas sob o príncipe de Orange*. Edições do Senado Federal, vol. 43. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

LAET, Johannes de. “*Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia*”. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Volume XXX. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1912.

MOERBEECK, Jan Andries. “*Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao rei da Espanha a terra do Brasil*”. In: RODRIGUES, José Honório (org.). *Documentos Holandeses: os holandeses no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e Alcool, 1942, p. 25-43.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. 5ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SCHMALKALDEN, Caspar. *Brasil holandês: A viagem de Caspar Schmalkalden de Amsterdã para Pernambuco no Brasil*. Volume II. Organização de Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares. Rio de Janeiro: Index, 1998.

STERHENIUS, Enoch. “Brebe sucinta y berdadera narracion de la jornada al Brasil que algunos mercaderes ordenaron conlicença y autoridad de los Ilustres señores estados y ordenes de olanda y zelanda en el ano de mil y seiscientos y veinte y tres”. In: VALENCIA Y GUZMAN, Juan de. *Compendio Historial de la jornada del Brasil, 1625*. Recife: Pool Editorial, 1984, p. 343-371.

TAMAYO DE VARGAS, Tomás. *Restauracion de la ciudad del Salvador, y Baía de Todos-Sanctos, en la Provincia del Brasil, Por las Armas de Don Philippe IV, El Grande Rei Catholico de las Españas y Indias*. Madrid: Alonso Martin, 1628.

VIEIRA, Pe. Antônio. “Ânuua da Província do Brasil (30 de setembro de 1626)”. In: *Cartas*, volume 1. São Paulo: Globo, 2008, p. 33-82.

Estudos

BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil (1624-1654)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

_____. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola (1602-1686)*. Coleção Brasileira, volume 353. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV-XVIII*. Volume I. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller; PASTORE, Gianriccardo Grassia. “1625, o Fogo e a Tinta: a batalha de Salvador nos relatos de guerra”. *Topoi*. Rio de Janeiro: online, 2005, vol. 6, n. 11, p. 261-288.

CARNEIRO, Henrique. *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna*. 1ª edição. São Paulo: Senac, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALINDO, Marcos (org.). *Episódios Baianos: Documentos para história do período holandês na Bahia*. Recife: NÉCTAR, 2010.

HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*. Rio de Janeiro: GMT Editores; Sextante, 1999.

MIRANDA, Bruno R. F. *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*. 1ª edição. Recife: Editora UFPE, 2014.

SCHWARTZ, Stuart B. “The Voyage of the Vassals: royal power, noble obligations, and merchant capital before the portuguese Restoration of Independence”. *The American Historical Review*. Vol. 96, n. 03, jun. 1991, p. 735-762.

STRAATEN, Harald S. van der. *Brasil: um destino*. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1998.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4ª edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.

Gurian, Gabriel. *“Quebrantados, Na Ociosidade E Na Intemperança”: Devassidão, Bebedeira E Indisciplina Entre Os Holandeses Durante Sua Conquista De Salvador (1624-1625).*

WÄTJEN, Hermann. *O domínio colonial holandês no Brasil: um capítulo na história colonial do século XVII.* Recife: CEPE, 2004.